

ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES CULTURAIS E REFLEXÕES SOBRE DEFICIÊNCIAS FÍSICAS

Jeniffer Cuty

Doutora em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS); professora da UFRGS

Márcia Bertotto

Doutora em Museologia (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia); professora da UFRGS

1 INTRODUÇÃO

Imagine-se chegando a um museu de grande porte, na sua cidade ou durante uma viagem de férias. Percorra o caminho da sua casa ou do hotel até o museu e faça a fruição dos espaços e da narrativa expográfica proposta. Tenha em mente experiências prévias e lembre que nem todo espaço e nem toda obra nos interessa conhecer detalhadamente. Diversas vezes, em grandes museus, muitos dos espaços expositivos estão lotados por visitantes e não conseguimos fazer uma visita agradável. As obras de arte mais famosas são protegidas por barreiras físicas – como vidro blindado e fita museológica (aquela que fica no piso) –, distanciando o público da obra e o colocando em desvantagem a quem, por exemplo, é mais baixo ou menos ágil para se colocar em um ponto de visualização satisfatório.

Eis que, diante da reflexão inicial de deslocamento até o museu, do percurso pelos espaços que nos interessam e de acesso a obras notórias, passamos a imaginar esses trajetos realizados por Pessoas com Deficiência (PcD), sobretudo cadeirantes, cegos e pessoas com baixa visão. Para o cadeirante, o deslocamento pela cidade precisa ser cuidadosamente planejado. Caso a pessoa não tenha acesso a veículo com acessibilidade, carro particular ou táxi adaptado, será necessário contar com o transporte público e, muitas vezes, com o auxílio de quem se dispõe. Os passeios públicos ou as calçadas nem sempre se configuram de

modo adequado, pois há descaso na adaptação e na falta de conservação. Sinalização podotátil aos cegos e às pessoas com baixa visão deveriam permear todos os espaços da cidade. Sinalização sonora junto aos semáforos também deveria compor o arsenal de acessibilidade, possibilitando à PcD autonomia e segurança no trajeto, bem como a construção de memórias satisfatórias dos percursos urbanos.

Ao chegar ao museu, o visitante deve ser um participante ativo, decidindo, de modo independente, sobre quais espaços e obras pretende fruir com uso de recursos de tecnologia assistiva, como: equipamentos de audiodescrição, além dos audioguias (que são de uso universal), pois possibilitam acesso à trajetória das obras e dos artistas em diversos idiomas. Intérpretes de libras devem estar à disposição ou, pelo menos, os funcionários devem estar interessados em possibilitar uma experiência rica ao visitante.

A relação do visitante-público-participante do museu se caracteriza por um encontro com a preservação (do que nos representa e dos seus valores) e com a transformação da memória (aquilo que dinamiza a preservação do patrimônio musealizado, nas interfaces expositivas e educativas do museu). Eis que nos deparamos, então, com a preservação como um componente estrutural e a memória como um recurso que dinamiza a relação sujeito-objeto. Esta é a dialética da Preservação do Patrimônio Cultural, em constante interferência com a Memória Coletiva, ou seja, aquela que se forma nos grupos sociais.

Se as barreiras em ambientes culturais forem resolvidas na concepção do espaço e na política institucional, o museu e seus produtos oferecidos à comunidade serão universais e para todos.

2 AMBIENTE CULTURAL E A DIALÉTICA ENTRE CULTURA OBJETIVA E CULTURA SUBJETIVA

Por Ambiente Cultural, entendemos o entrelaçamento conceitual-metodológico adequado entre o espaço (museu e espaços expositivos) e a instituição, com suas características organizacionais e culturais, em perfeita harmonia com o contexto urbano-social em que está inserido. O equilíbrio entre

cultura objetiva (exposta e sob guarda no museu) e cultura subjetiva (dos visitantes-participantes), em uma obra aberta benjaminiana¹, configura o ambiente cultural na sua gênese. Há um diálogo estreito com as noções de Museu Integral (Mesa de Santiago, 1972) e de Fato Museológico, entendido pela “profunda relação entre o ser humano, ser que conhece, e os objetos de sua realidade e resultados de sua ação transformadora”. (BRUNO, 2010, p. 15). No documento, produzido a partir de um encontro de profissionais do patrimônio, em 1972, a noção de que o museu é um espaço para elites, com a exposição das relíquias da sociedade, foi superada e passou a receber a compreensão de que o museu nasce no seu contexto sociocultural e retorna a ele, por meio dos produtos da musealização, entre eles as exposições. O museu, ainda, na linha do imperativo categórico de Dever de Memória, deixa de ser apenas um espaço para o que nos orgulha e passa a ser o espaço do que nos envergonha, do que nos massacra, a exemplo dos museus do Holocausto, espalhados pelo mundo.

À PcD deve, assim, ser permitida a compreensão das interfaces do museu e das exposições que ocorrem em espaços diversos nas suas intenções e nos seus conceitos norteadores. Uma exposição sobre determinada pandemia no Brasil pode ter uma recepção diferenciada em outros países ou mesmo no âmbito do próprio país, considerando recursos expográficos distintos e uso de tecnologias assistivas. O acesso cultural, ou seja, de compreensão da narrativa proposta está interligado à visão de mundo dos visitantes. Por acesso, ainda cabe uma observação, pois há uma

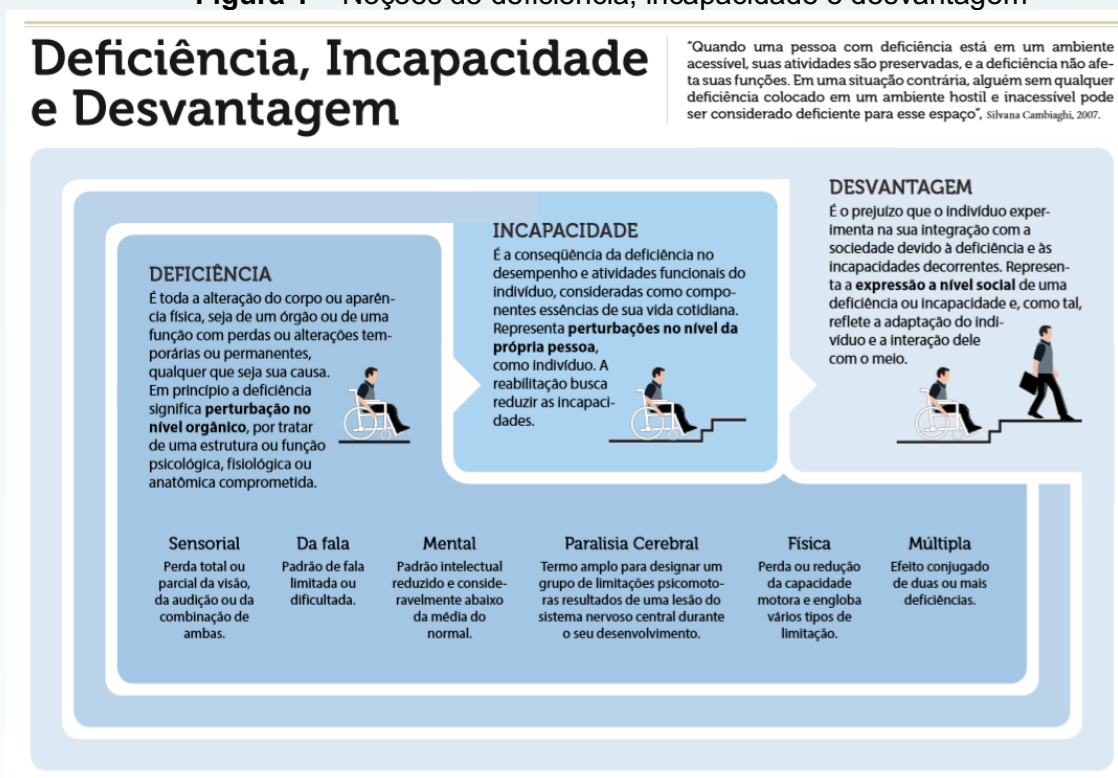
polissemia da palavra acesso, entendida desde a capacidade do usuário em buscar e obter atenção em saúde, até a disponibilidade de recursos de atenção em saúde, tendo em conta sua capacidade para produzir serviços. (MARQUES *et al.*, 2018, p. 2).

¹ Por obra aberta, o filósofo judeu-alemão da Escola de Frankfurt, Walter Benjamin, trabalhou a noção de que a narrativa de um texto (aqui transposta ao museu, à expografia ou à cidade) é completa com a participação do leitor-visitante, tornando-o parte da obra. Sem a leitura desse sujeito, com sua subjetividade e cultura, não será possível completar a narrativa. Essa noção está disposta em sua Teoria da Narração e dialoga com outro autor dialético, Paul Ricoeur, e suas mimeses de compreensão da narrativa.

A acessibilidade, por sua vez, é a forma acessível como os recursos se colocam aos públicos, assegurando uso e fruição com segurança, autonomia e pleno exercício de cidadania. Acolhimento, como gênese da superação da barreira atitudinal, deve ser um foco político das instituições e dos aqui denominados ambientes culturais.

Assim, cabe refletirmos sobre as deficiências e barreiras, conforme o infográfico da Figura 1 nos ensina:

Figura 1 – Noções de deficiência, incapacidade e desvantagem



Fonte: Cardoso, 2015

Início da descrição da Figura 1:

Título: Deficiência, Incapacidade e Desvantagem

Citação: "Quando uma pessoa com deficiência está em um ambiente acessível, suas atividades são preservadas, e a deficiência não afeta suas funções. Em uma situação contrária, alguém sem qualquer deficiência colocado em um ambiente hostil e inacessível pode ser considerado deficiente para esse espaço", Silvana Cambiaghi, 2007. Abaixo do título e citação existe um retângulo azul claro que está dividido em três. Cada parte possui um título, texto e um ícone. A primeira parte ainda possui pequenos quadros abaixo destas informações. Da esquerda para direita vemos:

01 Título: DEFICIÊNCIA Texto: É toda a alteração do corpo ou aparência física, seja de um órgão ou de uma função com perdas ou alterações temporárias ou permanentes, qualquer que seja sua causa. Em princípio a deficiência significa perturbação no nível orgânico, por tratar de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica comprometida. Ícone: Uma pessoa cadeirante se locomove numa superfície plana.

Quadro 1 Título: Sensorial. Texto: Perda total ou parcial da visão, da audição ou da combinação de ambas.

Quadro 2 Título: Da fala. Texto: Padrão de fala limitada ou dificultada.

Quadro 3 Título: Mental Texto: Padrão intelectual reduzido e consideravelmente abaixo da média do normal.

Quadro 4 Título: Paralisia Cerebral Texto: Termo amplo para designar um grupo de limitações psicomotoras resultados de uma lesão do sistema nervoso central durante o seu desenvolvimento.

Quadro 5 Título: Física Texto: Perda ou redução da capacidade motora e engloba vários tipos de limitação.

Quadro 6 Título: Múltipla Texto: Efeito conjugado de duas ou mais deficiências.

02 Título: INCAPACIDADE Texto: É a consequência da deficiência no desempenho e atividades funcionais do indivíduo, consideradas como componentes essenciais de sua vida cotidiana. Representa perturbações no nível da própria pessoa, como indivíduo. A reabilitação busca reduzir as incapacidades. Ícone: Uma pessoa cadeirante se locomove numa superfície plana que possui dois degraus na continuação.

03 Título: DESVANTAGEM Texto: É o prejuízo que o indivíduo experimenta na sua integração com a sociedade devido à deficiência e às incapacidades decorrentes. Representa a expressão a nível social de uma deficiência ou incapacidade e, como tal, reflete a adaptação do indivíduo e a interação dele com o meio. Ícone: Uma pessoa cadeirante se locomove numa superfície plana que possui dois degraus na continuação e com uma pessoa caminhando em cima desse desnível.

Fim da descrição da Figura 1.

Como acesso, tomamos, portanto, a noção de que ele deve ser universal na sua gênese, ou seja, todos os serviços, todas as informações e todos os recursos de fruição cultural e construção de conhecimento devem estar pensados para todas as pessoas, independentemente de suas características físicas, cognitivas, psicológicas ou mentais. Observamos ainda que não são as deficiências que definem uma pessoa na sua condição de sujeito, lembrando que um ambiente acessível reduz ou até exclui a desigualdade de acesso entre as pessoas.

Um desafio a ser enfrentado pelas sociedades é a infraestrutura urbana das cidades, especialmente em regiões metropolitanas, de modo que uma PcD física possa fazer seus percursos diários com autonomia e segurança. Um exemplo da falta de infraestrutura são os calçamentos e as pavimentações deficitárias ou inexistentes em diversas cidades. Em dias de chuva, o deslocamento de um cadeirante se torna inviável nestes lugares. O transporte público acessível, com rampas hidráulicas, nem sempre está disponível para a população e esta é uma necessidade real. A interseccionalidade entre deficiência e pobreza gera demandas urgentes diante do tema aqui trabalhado.

Vejamos, na Figura 2, o infográfico referente às deficiências físicas, o qual nos possibilitará compreender as áreas afetadas no corpo (em vermelho) pelos diversos tipos dessa deficiência.

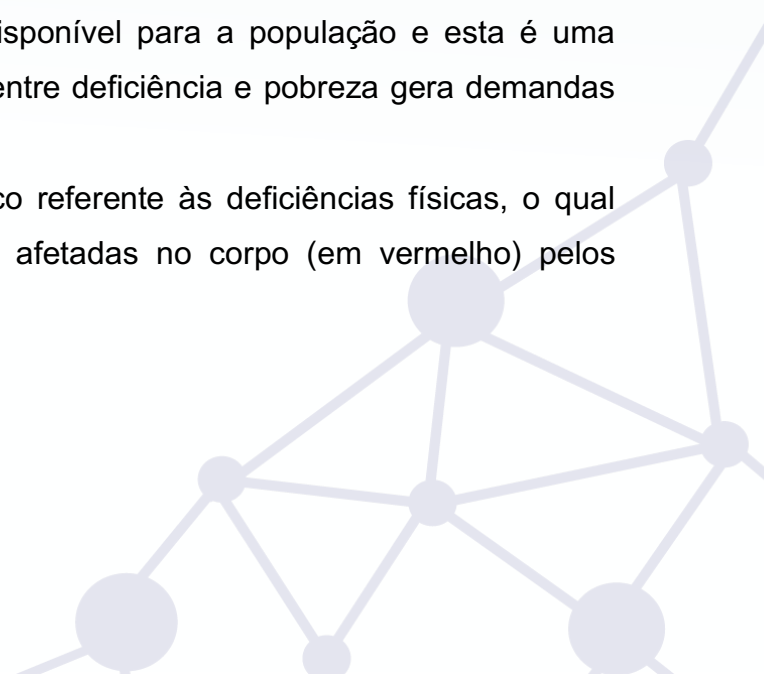


Figura 2 – Tipos de deficiência física



Fonte: Cardoso, 2015

Início da descrição da Figura 2:

Título: Deficiência Física

Texto: Segundo o Decreto nº 5.296, publicado em 3 de dezembro de 2004, pessoa com deficiência física tem alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física.

Abaixo do título e do texto existem 2 quadros. O primeiro quadro cinza possui o título “Motoras” e possui 2 linhas com 5 figuras humanas em cada, com título e texto abaixo destas figuras. O segundo quadro não possui título e está dividido em duas linhas com três figuras humanas na linha de cima e duas na linha de baixo, também com título e texto abaixo. No primeiro quadro, de título “Motoras”, da esquerda para a direita e de cima para baixo, temos as seguintes figuras humanas:

Figura: Cinza, pintada de vermelho nas pernas até a cintura. Título: Paraplegia Texto: Perda total das funções motoras dos membros inferiores.

Figura: Cinza, pintada de vermelho no corpo inteiro até o pescoço. Título: Tetraplegia Texto: Perda total das funções motoras dos membros inferiores e superiores.

Figura: Cinza, pintada de vermelho nas pernas até a cintura e no braço esquerdo. Título: Triplegia Texto: Perda total das funções motoras em três membros.

Figura: Cinza, com o lado esquerdo inteiro pintado de vermelho, exceto a cabeça. Título: Hemiplegia Texto: Perda total das funções motoras de um hemisfério do corpo.

Figura: Cinza, pintada de vermelho na perna esquerda. Título: Monoplegia Texto: Perda total das funções motoras de um só membro.

Figura: Cinza, com listras vermelhas horizontais pintadas nas pernas até a cintura. Título: Paraparesia Texto: Perda parcial das funções motoras dos membros inferiores.

Figura: Cinza, com listras vermelhas horizontais no corpo inteiro até o pescoço. Título: Tetraparesia Texto: Perda parcial das funções motoras dos membros inferiores e superiores.

Figura: Cinza, com listras vermelhas horizontais nas pernas até a cintura e no braço esquerdo. Título: Triparesia Texto: Perda parcial das funções motoras em três membros.

Figura: Cinza, com o lado esquerdo inteiro de listras vermelhas horizontais, exceto a cabeça. Título: Hemiparesia Texto: Perda parcial das funções motoras de um hemisfério do corpo.

Figura: Cinza, com listras vermelhas horizontais na perna esquerda. Título: Monoparesia Texto: Perda parcial das funções motoras de um só membro.

No segundo quadro, da esquerda para a direita e de cima para baixo, temos as seguintes figuras humanas:

Figura: Cinza, com pontilhado vermelho fazendo o desenho do braço esquerdo. Título: Amputação Texto: Perda total ou parcial de um determinado membro ou segmento de membro.

Figura: Cinza, todo pintado de vermelho e de tamanho menor do que as outras figuras. Título: Nanismo Texto: Estatura inferior a 80% da média de tamanho de uma população.

Figura: Cinza, pintada de vermelho na perna esquerda e esta perna maior do que a direita. Título: Deformidade Texto: Membros com deformidade congênita ou adquirida.

Figura: Cinza, com a cabeça pintada de vermelho. Título: Paralisia Cerebral Texto: Lesão de uma ou mais áreas do sistema nervoso central.

Figura: Cinza, com um círculo vermelho na altura do umbigo. Título: Ostomia Texto: Intervenção cirúrgica que cria uma ostomia na parede abdominal para adaptação de bolsa de fezes e urina.

Fim da descrição da Figura 2.

Segundo Cambiaghi (2007, p. 29), “no Brasil, ainda não existem estudos aprofundados que quantifiquem o número de pessoas com mobilidade reduzida [...]. O censo do IBGE de 2000 revelou que 14,5% da população brasileira tinha pelo menos uma das deficiências investigadas pela pesquisa”. Em relação aos espaços voltados para a cultura e os acervos, não podemos perder de vista a diversidade que nos caracteriza como seres humanos.

A arquitetura e o design inclusivos têm como ponto de partida os dados antropométricos. Ter a compreensão das medidas das várias partes do corpo humano possibilita o cálculo da área necessária para o alcance e a possibilidade de manipulação, uso ou acionamento e entendimento de um objeto, levando em consideração a ergonomia cognitiva dos objetos. (CAMBIAGHI, 2007, p. 41).

A ergonomia pode ser entendida como o campo que “analisa as interações entre o ser humano e os outros elementos de determinado sistema”, buscando contemplar conforto e eficiência. Para usuários de cadeira de rodas é comum não conseguirem acessar balcões de atendimento, pois estes móveis são projetados em uma única altura, inviabilizando o acesso visual e manual. (CAMBIAGHI, 2007, p. 41). Além disso, a cadeira de rodas nem sempre está prevista na base do mobiliário e mesmo na base de lavatórios e pias em banheiros. O projeto de um banheiro acessível deve estar previsto em todos os espaços e, conforme a legislação, eles devem estar distribuídos um por andar, de acordo com o número de pessoas que utilizam um determinado prédio. O primeiro aspecto a ser considerado no projeto do

banheiro é a porta de acesso, com largura de 90cm e com raio de giro interno de 150cm.

Nas bibliotecas, por sua vez, além do balcão com altura dupla, há uma demanda de distanciamento mínimo entre as estantes, de modo que os usuários possam se locomover com conforto e independência entre elas. (Quadro 1).

Quadro 1 – Relação entre demandas e espaços – externo e interno – de museus e bibliotecas

Ambiente cultural	Espaço	Demandas para acesso universal
Museu	Entorno	Transporte acessível nos arredores; calçamento nivelado; sinalização podotátil; sinalização sonora nas faixas de segurança (para cegos); se houver desnível (aclive ou declive acentuado), prever infraestrutura de segurança para cegos e pessoas com mobilidade reduzida; havendo estacionamento, prever vagas sinalizadas e com pavimentação adequada, com espaçamento entre as vagas de no mínimo 120cm.
	Interior	Portas que respeitem a largura mínima de 90cm (para acesso de cadeirantes); se houver desnível, rampa com inclinação suave e guarda-corpo; piso antiderrapante; evitar desníveis internos; área de giro entre os locais de acesso de, no mínimo, 150cm; campainhas de segurança em banheiros; um banheiro acessível por andar; eliminar tapetes em áreas de grande circulação; considerar espaço para circulação entre expositores e painéis, bem como local de acomodação das pernas dos cadeirantes, quando for proposta a visualização em mapotecas ou outro mobiliário de objetos expostos na horizontal; maquetes táteis ou objetos táteis para deficientes visuais; textos e legendas das obras/objetos em exposição disponíveis em braile ou com fonte ampliada; piso podotátil e rampas no espaço interno da exposição; espaços reservados para cadeiras de rodas em salas de projeção; mobiliário de recepção com dois níveis de altura, para receber cadeirantes, pessoas com nanismo e crianças, possibilitando alcance visual e manual; intérprete de libras para acolher surdos; dispositivos com audiodescrição (AD) de objetos e espaços expositivos; sinalização que contemple uso de áudio e de formas com contraste de cor; sinalização de saída e rotas de fuga identificadas e iluminadas.
Biblioteca	Entorno	Transporte acessível nos arredores; calçamento nivelado; sinalização podotátil; sinalização sonora nas faixas de segurança (para cegos); se houver desnível (aclive ou declive acentuado), prever infraestrutura de segurança para cegos e pessoas com mobilidade reduzida.
	Interior	Portas que respeitem a largura mínima de 90cm (para acesso de cadeirantes); se houver desnível, rampa com inclinação suave e guarda-corpo; piso antiderrapante; evitar desníveis internos; área de giro entre os locais de acesso de, no mínimo, 150cm; campainhas de segurança em banheiros; um banheiro acessível

		<p>por andar; eliminar tapetes em áreas de grande circulação; considerar espaço para circulação entre estantes, bem como local de acomodação das pernas dos cadeirantes, quando for necessário usar mesas; mobiliário de recepção com dois níveis de altura, para receber cadeirantes, pessoas com nanismo e crianças, possibilitando alcance visual e manual; intérprete de libras para acolher surdos; recursos de tecnologia assistiva para pesquisa e fruição de espaços e da informação.</p>
--	--	---

Fonte: As autoras, 2020.

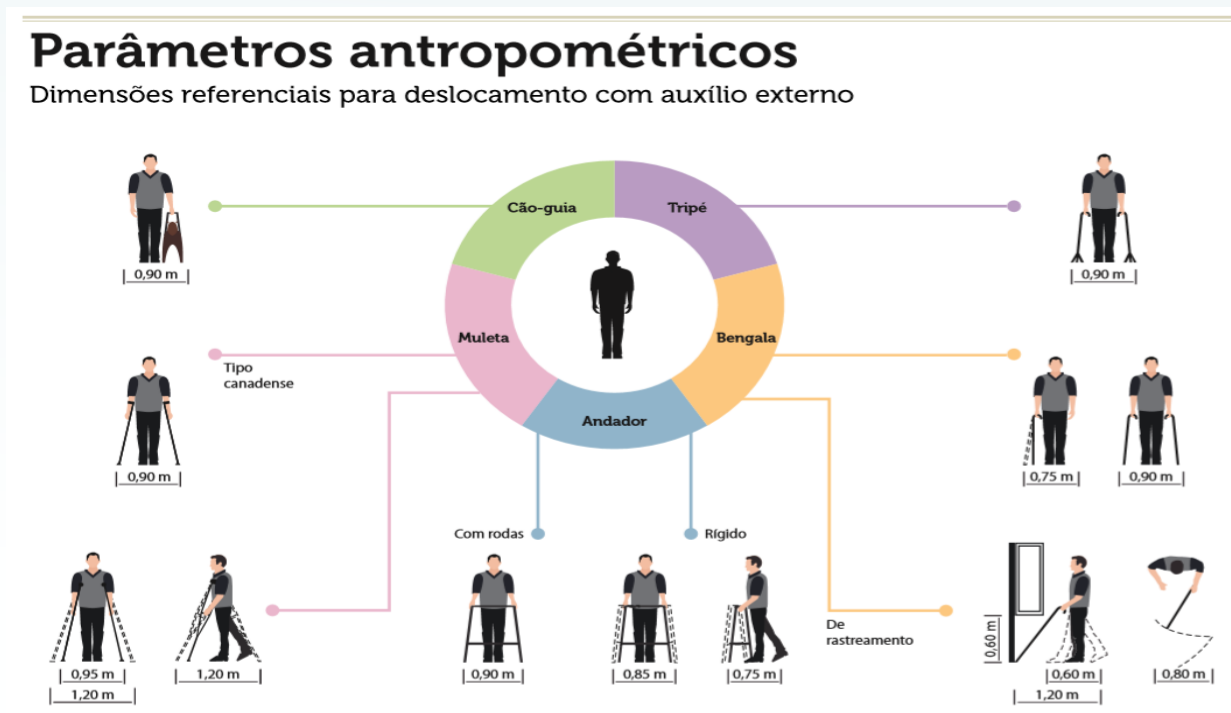
Início da descrição do Quadro 1:

Quadro formado por três colunas, sendo elas, da esquerda para a direita, formadas pelas seguintes categorias: Ambiente Cultural, Espaço e Demanda para Acesso Universal. Em Ambiente Cultural, há duas linhas indicando, de cima para baixo, Museu e Biblioteca. Na coluna Espaço, há a indicação de “entorno” e “interno”. A última coluna apresenta o detalhamento de demandas para museus e bibliotecas, em seus entornos e espaços internos, considerando infraestrutura urbana, materialidade e recursos de tecnologia assistiva.

Fim da descrição do Quadro 1.

A seguir, apresentamos o infográfico, na Figura 3, com parâmetros antropométricos que devem ser considerados no projeto de espaços e de exposições, bem como na análise de espaços acessíveis (ou não).

Figura 3 – Parâmetros antropométricos



Fonte: Cardoso, 2015

Início da descrição da Figura 3:

Título: Parâmetros antropométricos para deslocamento

Texto: Dimensões de referência para o deslocamento com auxílio externo conforme o tipo de auxílio e diferentes composições durante a utilização.

No centro da página há um círculo com o centro vazado e uma figura humana nesse centro. O círculo é dividido em seis cores. Cada cor possui um título e, saindo de cada seção do círculo há uma ou mais linhas que levam até ícones. Estas divisões, seu títulos e ícones são os seguintes, da esquerda em sentido horário:

01 Cor: Verde Título: Cão-guia Ícone: Um homem segura a coleira de cão que está ao seu lado esquerdo. Uma linha horizontal mede as extremidades laterais do homem e do cão. São 90 centímetros.

02 Cor: Vermelho Título: Cadeira de Rodas Ícone: Há quatro ilustrações no sentido vertical. A primeira é de um homem cadeirante visto de frente e um outro em pé ao seu lado de frente para si. A largura dessas duas pessoas é de 1 metro e 7 centímetros. A segunda ilustração é de dois homens lado a lado. Um está em pé e, à sua esquerda, um cadeirante. A largura dos dois varia de 1 metro e 20 centímetros a 1 metro e 50 centímetros. A terceira ilustração é de dois homens lado a lado. Um está em pé se apoiando em muletas, e à sua esquerda, um cadeirante. A largura dos dois é de 1 metro e 50 centímetros. A quarta ilustração é dois de cadeirantes lado a lado. A largura dele é 1 metro e 50 centímetros a 1 metro e 80 centímetros.

03 Cor: Roxo Título: Tripé Ícone 1: Um homem se apoia em dois tripés, um em cada braço. Sua largura é 90 centímetros.

04 Cor: Amarelo Título: Muleta Ícone 1: Título: Tipo canadense. Um homem de apoio em duas muletas que possuem anéis que envolvem seus antebraços. A largura deste homem e essas muletas é 90 centímetros. Ícone 2: Um homem visto de frente se apoia em duas muletas. Suas larguras variam de 95 centímetros a 1 metro e 20 centímetros. Outro homem, à esquerda do anterior, visto lateralmente, se movimenta para a frente apoiado em duas muletas. O espaço que ele ocupa é 1 metro e 20 centímetros.

05 Cor: Azul Título: Andador Ícone 1: Título: Com rodas. Um homem visto de frente se apoia em um andador. A largura desse andador é 90 centímetros. Ícone 2: Título: Rígido. Um homem visto de frente se apoia em um andador. A largura desse andador é 85 centímetros. Um homem visto lateralmente se apoia em um andador, se movimenta para a frente. O espaço que ele ocupa é 75 centímetros.

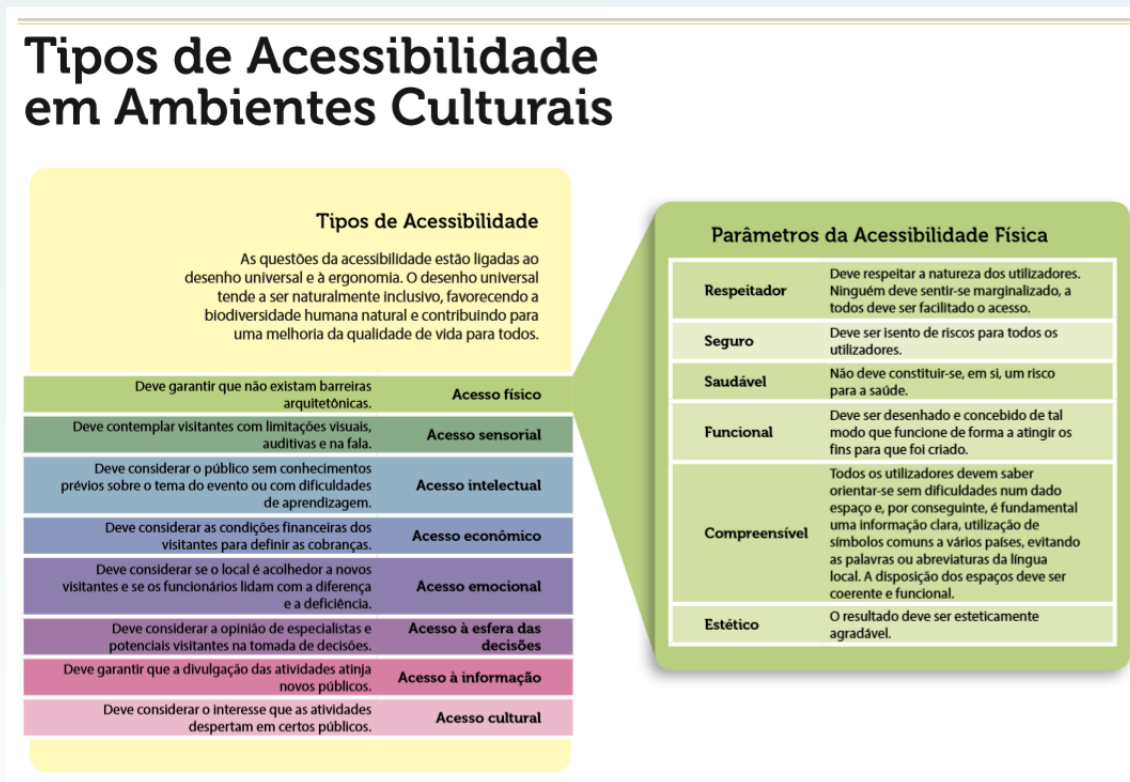
06 Cor: Rosa Título: Bengala Ícone 1: Um homem visto de frente se apoia numa bengala pela mão direita. A largura que ele ocupa é de 75 centímetros. Um segundo homem, à esquerda do anterior, se apoia em duas bengalas, uma em cada mão. A largura que ele ocupa é de 90 centímetros. Ícone 2: Título: De rastreamento. Dois desenhos de um mesmo homem. O primeiro, com visão aérea, à direita, usa sua bengala para, de formar lateral, compreender a superfície do chão. Uma linha pontilhada aponta o raio dessa ação lateral como sendo de 80 centímetros. O homem da esquerda é visto lateralmente de frente para painel vertical. Ele também usa a bengala rastreando seu entorno, mas dessa vez para a frente. Os raios de ação desse movimento são de 60 centímetros para a vertical e 1 metro e 20 centímetros pra frente e para trás.

Fim da descrição da Figura 3.

Quando pensamos em exposições em museus e demais ambientes de cultura, imaginamos uma comunicação integral e universal do espaço, da curadoria e dos objetos, ou seja, uma comunicação sensorial. Para Sarraf (2012, p. 67), “a linguagem dos espaços culturais é regida pela cultura ocidental, em que predomina a exploração visual, o que leva os visitantes a uma relação superficial com o conteúdo das exposições”. A proposição de recursos táteis e em áudio visa superar esta barreira e integrar distintos públicos, entre eles pessoas com ou sem limitações motoras ou sensoriais. Ambientes que oferecem recursos diversos suscitam maior visitação e acolhem todos os públicos, locais ou vindos de fora. Para Neves (2016,

p. 140), “preocupações que incluam as do acesso cultural, acesso intelectual, acesso econômico e mesmo as de acesso à esfera de decisões, realçam a faceta de ‘vivo e vivido’ que se deseja para um museu”. Na Figura 4, apresentamos o infográfico “Tipos de Acessibilidade em Ambientes Culturais”, considerando a premissa de Neves (2016).

Figura 4 – Tipos de Acessibilidade em Ambientes Culturais



Fonte: Cardoso, 2015

Início da descrição da Figura 4:

Título: Tipos de Acessibilidade em Ambientes Culturais

Um retângulo vertical está dividido em nove faixas horizontais. De cima para baixo, estas faixas são:
Cor: Amarelo
Título: Tipos de Acessibilidade
Texto: As questões da acessibilidade estão ligadas ao desenho universal e à ergonomia. O desenho universal tende a ser naturalmente inclusivo, favorecendo a biodiversidade humana natural e contribuindo para uma melhoria da qualidade de vida para todos.

Cor: Verde claro
Título: Acesso físico
Texto: Deve garantir que não existam barreiras arquitetônicas. Desta linha, excepcionalmente, se liga um quadro verde dividido em outras seis faixas. O título deste quadro é “Parâmetros da Acessibilidade Física”. As seis faixas, de cima para baixo, são as seguintes:
Respeitador - Deve respeitar a natureza dos utilizadores. Ninguém deve sentir-se marginalizado, a todos deve ser facilitado o acesso.
Seguro - Deve ser isento de riscos para todos os utilizadores.
Saudável - Não deve constituir-se, em si, um risco para a saúde.
Funcional - Deve ser desenhado e concebido de tal modo que funcione de forma a atingir os fins para que foi criado.
Compreensível - Todos os utilizadores devem saber orientar-se sem dificuldades num dado espaço e, por conseguinte, é fundamental uma informação clara, utilização de símbolos comuns a vários países, evitando as

palavras ou abreviaturas da língua local. A disposição dos espaços deve ser coerente e funcional. Estético - O resultado deve ser esteticamente agradável.

Cor: Verde escuro Título: Acesso sensorial Texto: Deve contemplar visitantes com limitações visuais, auditivas e na fala.

Cor: Azul claro Título: Acesso intelectual Texto: Deve considerar o público sem conhecimentos prévios sobre o tema do evento ou com dificuldades de aprendizagem.

Cor: Azul escuro Título: Acesso econômico Texto: Deve considerar as condições financeiras dos visitantes para definir as cobranças.

Cor: Roxo Título: Acesso emocional Texto: Deve considerar se o local é acolhedor a novos visitantes e se os funcionários lidam com a diferença e a deficiência.

Cor: Lilás Título: Acesso às esferas das decisões Texto: Deve considerar a opinião de especialistas e potenciais visitantes na tomada de decisões.

Cor: Rosa Título: Acesso à informação Texto: Deve garantir que a divulgação das atividades atinja novos públicos.

Cor: Rosa claro Título: Acesso cultural Texto: Deve considerar o interesse que as atividades despertam em certos públicos.

Fim da descrição da Figura 4.

A publicação “Subsídios para a elaboração de planos museológicos” (IBRAM, 2016), desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), recomenda seis dimensões de acessibilidade a serem observadas em todos os ambientes para que haja autonomia de movimentação de todas as pessoas. São elas: acessibilidade arquitetônica, que envolve a circulação; metodológica, referindo-se aos métodos de estudo, laborais e de lazer; instrumental, acessibilidade a instrumentos e utensílios; programática, em relação à legislação, que não deve reforçar a exclusão; atitudinal, no tocante a ações de preconceito e discriminação; e comunicacional, relativa às mais variadas linguagens. Estes elementos, reunidos, podem ser aliados às boas práticas para a inclusão e acessibilidade em todos os espaços e, especialmente aqui, nos culturais e de saúde.

Um exemplo de difusão da cultura frente às deficiências, sobretudo cegueira e surdo-cegueira, é o Museu Tifológico da Once – Organização Nacional de Cegos Espanhóis, de Madri. Criado em 1992, este museu possui coleções formadas por maquetes de espaços urbanos e arquitetônicos de todo o mundo, todos para fruição tátil. (Figura 5).

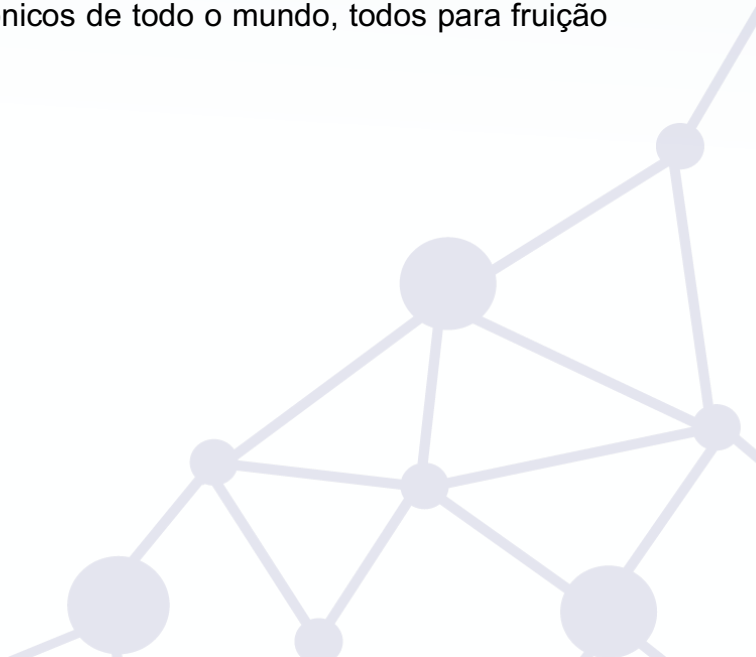


Figura 5 – Detalhe de uma maquete sendo percebida pelo toque por uma pessoa cega



Fonte: Museo Tifológico da Organización Nacional de Ciegos Españoles (ONCE).
Disponível em: <http://museo.once.es/home.cfm?id=103&CFID=6634289&CFTOKEN=46589941&jsessionid=2a3063c395c5432a424e>

Início da descrição da Figura 5:

Fotografia colorida aproximada do detalhe de uma maquete de igreja, com as torres trabalhadas em madeira, sendo percebida por toque por uma jovem mulher usando óculos escuros.

Fim da descrição da Figura 5.

Outras preocupações relevantes referem-se aos objetos expostos em um ambiente cultural e às suas reproduções ou réplicas. Deve existir uma preocupação na forma de expor, mantendo objetos menores dispostos à frente nos mobiliários expositivos, bem como deve existir a priorização do uso de vidros antirreflexivos, mesmo que isso possa representar algum prejuízo na fruição da obra. É recomendável utilizar contraste cromático entre as superfícies e manter vitrines e painéis bem iluminados. Devemos preferir o uso de arestas e cantos arredondados e evitar o uso de objetos suspensos.

No caso de exposições em ambientes culturais, como museus e bibliotecas voltados ao tema da Saúde, cabe a ponderação sobre o exemplo de uso de Desenho Universal em todos os recursos da exposição, considerando as diferenças

dos visitantes. Idiomas contemplados nos audioguias e audiodescrições gravadas para públicos cegos são recursos importantes. É possível disponibilizar informações em braile, mesmo que o recurso mais inclusivo seja o áudio, mas existem leitores de braile que poderão ser atendidos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo projeto de ambiente cultural ou de exposição deve passar pela análise de pessoas com deficiência sensorial, como cegos, surdos, pessoas com baixa visão e surdos-cegos, além de pessoas com mobilidade reduzida. Autistas e pessoas com outras deficiências, igualmente, devem ser consultores de projetos e de laudos de acessibilidade. A percepção de espaço e de som por um cego, por exemplo, difere enormemente da percepção de pessoas videntes. O ângulo de visão de expositores, por parte de um cadeirante e de uma pessoa com nanismo, também é distinto de quem não possui essas características. Os espaços devem, de modo ideal, contemplar todos os públicos, lembrando que eles são projetados pelas dimensões mínimas e máximas e não pelas dimensões médias.

Carecemos de aprimoramento metodológico e difusão de conhecimentos sobre audiodescrição (AD) de espaços expositivos e de museus. Compreender a arquitetura monumental de museus localizados em prédios reciclados é uma demanda real para audiodescritores e profissionais dedicados a acessibilizar e conceituar espaços, instituições e ambientes culturais que contemplem o foco harmônico entre a comunicação da cultura objetiva (acervos) com a cultura subjetiva (ambiente social onde estes espaços e estas instituições estão situadas).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Governo Federal. Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Lei Brasileira de Inclusão. Lei Federal n. 13.146, de 6 de julho de 2015.

BRUNO, Maria Cristina (Org.) **Waldisa Russio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, Comitê Brasileiro do Conselho Nacional de Museus, 2010.

CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho Universal**: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

CARDOSO, Eduardo (Org.). **Uso de Infográficos no Ensino de Acessibilidade em Design e Arquitetura**. Porto Alegre: UFRGS, 2015. (mimeo).

CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (Orgs.). **Acessibilidade em Ambientes Culturais**: relatos de experiências. Porto Alegre: Marcavisual, 2014.

COHEN, Regina *et al.* **Acessibilidade a Museus**. Brasília: MinC/IBRAM, 2012. (Cadernos Museológicos – vol. 2).

IBRAM. **Subsídios para a Elaboração de Planos Museológicos**. Brasília: IBRAM, 2016.

MARQUES, Juliana Freitas *et al.* **Acessibilidade Física na Atenção Primária à Saúde: um passo para o acolhimento**. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rngenf/a/LJTRRCcRQKwjDnN7dXbmhHD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.

NEVES, Josélia. Enriched Descriptive Guides: a case for collaborative meaning-making in museums. In: **Cultus**: the journal of Intercultural Mediation and Communication. The Intercultural Question and the Interpreting Professions. 2016, Issue 9, Vol. 2. P. 137-154.

SANTOS, Sônia Maria Almeida. **Acessibilidade em Museus**. Dissertação de Mestrado. Porto, Universidade do Porto, 2009.

SARRAF, Viviane. **Acessibilidade para Pessoas com Deficiência em Espaços Culturais e Exposições: inovação no design de espaços, comunicação sensorial e eliminação de barreiras atitudinais**. In: CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer (Org.). **Acessibilidade em Ambientes Culturais**. Porto Alegre: Marcavisual, 2012. P. 60-79.

